

## Crônica como gênero jornalístico: a produção crítica de Osvaldo Moles para mídia impressa e literatura<sup>1</sup>

Bruno D. Micheletti<sup>2</sup>  
Universidad Complutense de Madrid (UCM)

### Resumo

Por meio das crônicas produzidas por Osvaldo Moles<sup>3</sup>, ressaltamos o caráter híbrido deste gênero textual, que figura entre o jornalismo e a literatura. O *corpus* analisado consiste no livro *Piquenique Classe C* (1962), que reúne crônicas do autor publicadas em jornais da época, e que, para além dos imigrantes italianos, estão inseridos novos personagens típicos de uma São Paulo que não para de crescer. Assim, encontramos forte presença do migrante nordestino, do negro e outros imigrantes como os japoneses, espanhóis etc. Categorizando a crônica homônima ao livro, foi possível a criação de três metacategorias: *Personagens; Modernização e Progresso; e Humor, Figuras de Linguagem e Sotaque*, que demonstram como o autor privilegia as pessoas comuns. Os tipos são o retrato social de uma época em que São Paulo não parava de crescer e representam a sociedade paulistana em formação naquele momento.

**Palavras-chave:** Crônica; Jornalismo; Osvaldo Moles; São Paulo; Cultura Popular.

### Introdução

O regime republicano em detrimento do regime monárquico produz transformações políticas, econômicas, identitárias e culturais na sociedade brasileira do final do século XIX e início do século XX. A autonomia dos Estados (na época chamados de Províncias) é fortalecida pelo governo republicano e a industrialização se desenvolve em ritmo acelerado. Algumas cidades, como São Paulo, passam por um plano de urbanização progressista. Surge a classe operária e, com ela, uma classe média advinda da pequena burguesia. Soma-se “a imigração estrangeira e a incorporação à nossa sociedade de contingentes populacionais dotados de comportamento tipicamente urbano e de padrões culturais mais

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

<sup>2</sup> Doutorando em jornalismo na Universidad Complutense de Madrid (UCM). Mestre em Comunicação Social (UNIP), graduado em Jornalismo (UNIP) e em Marketing (UNIP). Atualmente integra os grupos de pesquisa “Mídia, Cultura e Memória” (CNPq) e “Rádio e Mídias Sonoras (INTERCOM). E-mail: [brunomicheletti@gmail.com](mailto:brunomicheletti@gmail.com)

<sup>3</sup> Osvaldo Moles (1913-1967) foi um pioneiro profissional multimeios, com relevantes contribuições para o rádio, jornalismo, literatura, cinema, publicidade e marketing político. Considerado sucessor de Antônio de Alcântara Machado na literatura paulista e consagrado na PRB-9 Rádio Record de São Paulo a partir dos anos 1940, Osvaldo Moles logo percebe o potencial cômico de Adoniran Barbosa, criando dezenas de programas, personagens e algumas letras de músicas que fazem sucesso na voz do sambista "Ítalo-caipira-paulistano".

avançados” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 83). Este cenário permite que a imprensa brasileira deixe de ser um “canal de comunicação utilizado exclusivamente pela classe dominante” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 83) para dar voz à classe trabalhadora, via o surgimento de periódicos publicados por sindicatos e associações. Nasce as primeiras empresas jornalísticas com interesses que deixam de ser estritamente políticos (panfletários) e, a exemplo de experiências bem-sucedidas na Europa e Estados Unidos, visam lucro. “São organizações que se mantêm com recursos provenientes da publicidade, mas que, diante das limitações do capitalismo periférico, não podem se dar ao luxo de dispensar os subsídios estatais” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 84).

Oswaldo Moles, enquanto jornalista, descreve o cotidiano da cidade de São Paulo, retirando “matéria-prima” das andanças que faz pelas ruas do centro e das periferias. É a observação em campo, com “olhar de repórter” que permite a construção de suas crônicas e a relação tão próxima com a cidade. Logo foi considerado sucessor de Antônio de Alcântara Machado (MICHELETTI, 2014), conforme registro que o jornalista Daniel Linguanotto e o anarquista Hermínio Sacchetta fazem no começo do livro *Piquenique Classe C* (MOLES, 1962). Discurso também reproduzido pela imprensa da época, conforme registro encontrado na página 84 do *Anuário de Rádio* (Ano XXI), datado de outubro de 1952, reproduzido no livro *O Rádio Paulista no Centenário de Roquette Pinto 1884-1984*.

“... gosta de andar pelas ruas de São Paulo, por suas vielas, seus cantinhos escuros onde meninas suburbanas namoram às escondidas e de cujos botequins escapa o cheiro da pizza fresca. Por onde andou Alcântara Machado, naqueles recantos onde ele foi descobrir os personagens de suas histórias, no Brás, Bexiga e Barra Funda - lá também andou Molles<sup>4</sup> colhendo o material de seus programas. E aí está seu valor” (CENTRO CULTURAL SÃO PAULO, 1984)

### O “perfil singular” da crônica

Para além dos imigrantes italianos – que não poderiam deixar de estar presentes em sua obra –, Oswaldo Moles insere os novos personagens típicos de uma São Paulo que não para de crescer. Assim, encontramos forte presença do migrante nordestino, do negro e outros imigrantes como os japoneses da Liberdade, os espanhóis anarquistas, e muitos outros.

---

<sup>4</sup> É possível encontrar diferentes registros para grafia do nome Oswaldo Moles, contudo, conforme sua assinatura em punho e a Carteira de Identidade, registro geral Nº 998.621, série: v. 133, seção: v. 2242 a grafia correta é com "v" e apenas um "l". O próprio livro *Piquenique Classe C*, de sua autoria, contém divergências na grafia do nome, escritas de maneiras diferentes, entre capa, guias e miolo do livro.

Como poucos, o antigo repórter Osvaldo Molles, em precipitadas surtidas nos bairros pobres de São Paulo ou em suas andanças pelo interior do Brasil, tanto logrou captar a alma das gafieiras e favelas como o linguajar híbrido dos “italianinhos” e os modismos dos “paus-de-arara” e cabras de Lampião. (SACCHETTA, 1962)

Para Nilson Lage (1990, p. 35), a produção de um texto, sempre segue “restrições do código lingüístico” com “regras operacionais” e “itens léxicos (palavras, expressões)”, que permitem um controle pré-estabelecido da qualidade estética dos gêneros literários (romances, poesias, odes, etc.). Já no gênero jornalístico, essa preocupação estética “desloca-se” para a carga de informação transmitida pelo texto.

O jornalismo não é, porém, um gênero literário a mais. Enquanto, na literatura, a forma é compreendida como portadora, em si, de informação estética, em jornalismo a ênfase desloca-se para os conteúdos, para o que é informado. O jornalismo se propõe processar informação em escala industrial e para consumo imediato. As variáveis formais devem ser reduzidas, portanto, mais radicalmente do que na literatura. (LAGE, 1990, p. 35)

No entanto, a crônica se apresenta como um gênero híbrido, entre a literatura e o jornalismo. Vejamos como Osvaldo Moles pode se colocar como personagem ativo de sua crônica para privilegiar uma situação, por vezes, inventada. O trecho a seguir foi retirado da crônica *Preconceito de côr local, na gafieira*<sup>5</sup>:

CAVAIÊROS sóses pagam vinte cruzas”” – diz o porteiro apurando a linguagem porque está falando com branco. – “Agora, se vié cumpanhado de duas dama, paga só deiz cruza”. Sou, positivamente “sóses”, embora não muito cavalheiro. E pago meus vinte. Isso tudo, para entrar no “Inferninho”, assim chamado porque é o baile em que as damas têm que mostrar suas cardenetas de domésticas. (MOLES, 1962, p. 217)

Marques de Melo defende que “a crônica representa um gênero tipicamente brasileiro, distinguindo-se daquelas manifestações jornalísticas, similarmente rotuladas, que se praticam em outros países” (2006, p. 208) e elabora o conceito, definindo esse gênero como um “relato poético do real”. Temos a “crônica de costume”, na qual fatos do dia a dia inspiram um “relato poético ou uma descrição literária” e a “crônica moderna”, que se torna matéria ligada ao “espírito da edição noticiosa”.

É Antônio Cândido quem sugere seu marco histórico: “Acho que foi no decênio de 1930 que a crônica moderna se definiu e consolidou no Brasil, como gênero bem nosso, cultivado por um número crescente de escritores e jornalistas, com os seus rotineiros e os

---

<sup>5</sup> Opta-se, neste texto, pela não atualização gramatical das citações e pela preservação (sic.) da grafia nos propositais erros de grafia, que imitam o falar popular.

seus mestres. Nos anos 30 se afirmara Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, e apareceu aquele que de certo modo seria ‘o’ cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero: Rubem Braga”. (MARQUES DE MELO, 2006, p. 203)

A crônica, como podemos perceber, tem proximidades com a literatura, mas nesse campo recebe status inferior. Antônio Cândido chega a dizer que a crônica é a literatura ao "rés-do-chão", um "gênero literário menor". Marques de Melo sai em defesa do gênero, ressaltado que isso não significa desvalorizar a crônica, mas sim, identificar um “perfil singular” nela contido, “que se caracteriza pela ligeireza, pela superficialidade, pela simplicidade, pelo coloquialismo. E também pela efemeridade” (MARQUES DE MELO, 2006, p. 205). Para alguns modernistas, o gênero chega a ser desprezado, conforme declara Sérgio Milliet ao dizer que o gênero é “revelador de certa pobreza intelectual”, porém, Hermínio Sacchetta, parece compreender que as críticas ao gênero são generalizadas, devido à invasão delas no jornal e ressalta o valor do gênero utilizado por Osvaldo Moles:

Sabemos como o emprego abusivo da epígrafe “crônica” propicia, hoje, toda a sorte de frustrações literárias. Sob êsse rótulo, passa o contrabando, em letra de fôrma, do ficcionista malgrado, que esgota, no gênero complacente, anseios de contista, novelista, romancista e, algumas vêzes, de poeta. Demais, a suspeita popularidade atual da crônica revela uma das diáteses intelectuais de nossos dias: o escapismo, forma de recusa neorromântica de o escritor enfeudado ao “big-business”, aceitar, passivamente, os males sociais. A crônica que devera constituir, dados os generosos meios de difusão de que desfruta, a fixação objetiva ou denúncia da realidade, através das características do gênero, deriva para a fantasia poética ou para o comentário gratuito, sem compromissos. Daí, espocarem, por tôda imprensa, os chamados cronistas, que, quando não abastardam o gênero, o substituem, o mais das vezes, por fragmentos de malgradadas ambições literárias: o espaço destinado à crônica é tomado por um pedaço de qualquer coisa que deveria ter sido outra coisa...

Não deixa de ter parcela de razão o arguto e desprezioso Sergio Milliet ao considerar “a crônica, gênero infeliz porque revelador de certa pobreza intelectual...” Sem dúvida, o ensaísta de “Roteiro do Café” quer referir-se à crônica de nossos dias cujo conceito, de modo geral, por curioso fenômeno semântico, se desvincula do que se entendia pelo gênero em tempos já bem distantes. Maior ainda é o despreço de Tristão de Ataíde por essa manifestação literária “que só se torna legível quando no seu meio natural – a fôlha cotidiana e efêmera... Uma crônica num livro é como um passarinho afogado. Tira a respiração e não interessa”, Ambos devem sentir a gratuidade desses pequenos escritos de evasão, que, ao invés de reter o momento fugaz, mas expressivo, o eludem.

Não é o caso de Osvaldo Moles, como, fãcilmente perceberá o leitor. “Piquenique Classe C” não apenas repõe o gênero sobre suas bases, como lhe empresta novo relevo, ainda quando o autor – também poeta e romancista, com livros inéditos – se entrega a aparentes devaneios, que só fazem vincar, mais fundamente, o quadro de uma realidade incontornável, desafiando-lhe a sensibilidade (SACCHETTA, 1962, pp. 13–14)

Embora Sacchetta critique a “crônica social”, aquela em que a alta sociedade aparece como centro da atenção, apresentando *Piquenique Classe C: Crônicas e Flagrantes*

de São Paulo como um livro que dá voz ao “favela-society”, aos pobres, à “gente” da cidade:

Não encontraremos, pois, neste livro, as cortezanices nauseantes da chamada “crônica social”, promoção, não raro, remunerada por linha impressa, de pretensa gente “bem”. Nada disso, O “café-society” é arredado, sem azedume, mas entre risos desdenhosos, pelo “favela-society” e “pés-de-chinelo”, que suprem a galeria de personagens de “Piquenique Classe C”. É toda uma gente sem-eira-nem-beira, que não figurará na história oficial senão pelo grotesco ou como fator de perturbação da ordem pública. Disto, ressuma o calor de maior autenticidade de Osvaldo Moles, cujas crônicas irradiam, em atmosfera de admirável espontaneidade, a candura dos cronistas antigos, mesmo quando envoltas em toques maliciosos e desajeitados. Dona Fifi, do Higienópolis, cede lugar à Risoleta da Barra Funda e o Dr. Jorgito é afastado pelo Cibide, da Favela do Vergueiro, humilhados e ofendidos que os fraldiqueiros do colonismo social do “grand-monde” miram de lenço ao nariz. (SACCHETTA, 1962, pp. 12–13)

Sobre o livro *Piquenique Classe C*, Hermínio Sacchetta termina seu prefácio dizendo que a literatura popular de Osvaldo Moles não é redigida com palavras de baixo calão ou erros gramaticais, comparando suas crônicas a um quadro no movimento expressionista:

Por fim, apenas algumas palavras sobre a linguagem de O.M. Logo verá o leitor que literatura popular em “Piquenique Classe C” não se traduz pelo uso de vocábulos pornográficos e, muito menos, por erros gramaticais. A forma de Osvaldo Moles é a rigorosa expressão extrínseca do conteúdo de suas crônicas, sem maneirismos ou truques estilísticos. Causa-nos o mesmo efeito de um bom quadro de pintor expressionista. Neste, as distorções necessárias não obscurecem, antes, acentuam a pureza das linhas anatômicas que as sustentam; no cronista, que se vai ler, as imagens imprevistas e audaciosas, de surpreendente modernidade, os volteios de estilo se amparam na mais pura tradição vernácula. Mas, quando fala o favelado, o malandro da gafeira, o “pau-de-arara” ou o “italianinho”... bem, isso é por conta deles (SACCHETTA, 1962, pp. 15–16).

## O cotidiano popular

A crônica *Piquenique Classe C*<sup>6</sup>, que dá nome ao livro de Osvaldo Moles, descreve a realização de um piquenique na praia, feito por operários de uma típica fábrica de São Paulo.

---

<sup>6</sup> Em 1982, a crônica Piquenique Classe C foi adaptada por Walter Negrão para versão televisiva, veiculada no programa *tele-romance* da TV Cultura.

Destaque: PIQUENIQUE CLASSE C. Caderno Ilustrada - Folha de S. Paulo. São Paulo. 1 mar. 1982, p.27. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/1982/03/01/21//4306393>>. Acesso em: 11 mai. 2014.

A idéia do piquenique em Santos acabou tomando conta da Tecelagem da Virgem S.A. (Os homens dizem: "Virge, Sá???" e dão umas risadas maliciosas). Neste momento, o assunto zumba mais que turbina:

- Qui dia vai sê mesmo?
- Dia 29 do mês que vêm!
- Puxa vida!... Como está longe!...

Quem inventou tudo isso foi o Nicolino, verdadeiro cérebro de organizador, que começou querendo fundar uma cooperativa. Depois, o plano se diluiu para a fundação de um grêmio. O pessoal brincou com a estranha palavra:

- Ma que grêmio? Isso daí é sorvete? Sorvete de grêmio?

Por fim, o Nicolino acabou fundando mesmo um piquenique (MOLES, 1962, p. 19)

O texto trabalha com os sonhos das pessoas, retrata uma São Paulo que cresce, se desenvolve, mas com isso amplia as diferenças sociais. Uns podem, outros não. A maioria dos operários de uma fábrica nunca tinha visto o mar e um simples piquenique na praia torna-se o acontecimento do ano, quiçá de uma vida.

Com inspiração na proposta metodológica de Gil Flores (1994), ao depurar essa crônica, considerando cada parágrafo como uma entrada de dados, foi possível analisar o conteúdo textual, que neste caso, resultou na criação indutiva de três metacategorias<sup>7</sup>:

- 1) *Personagens*, inclui parágrafos relativos a etnias, classe social, profissões, características físicas e psicológicas;
- 2) *Modernização e Progresso*, inclui a relação direta com a cidade de São Paulo e seu desenvolvimento;
- 3) *Humor, Figuras de Linguagem e Sotaques*, inclui a crítica através da sátira e da ironia, além das características textuais marcantes do autor.

El proceso de codificación puesto en práctica há sido de tipo abierto e inductivo, según el cual, el sistema de categorías no está preestablecido sino que surge como consecuencia del próprio proceso de codificación. A partir de una lectura inicial del primer discurso es posible ir identificando temas o tópicos que aparecen en el mismo. La pregunta que constantemente nos hacemos em relación a los datos es:

“¿Sobre qué habla este fragmento?. En particular, respecto a la reforma, ¿qué actitudes, opiniones, sentimientos, etc. refleja?”.

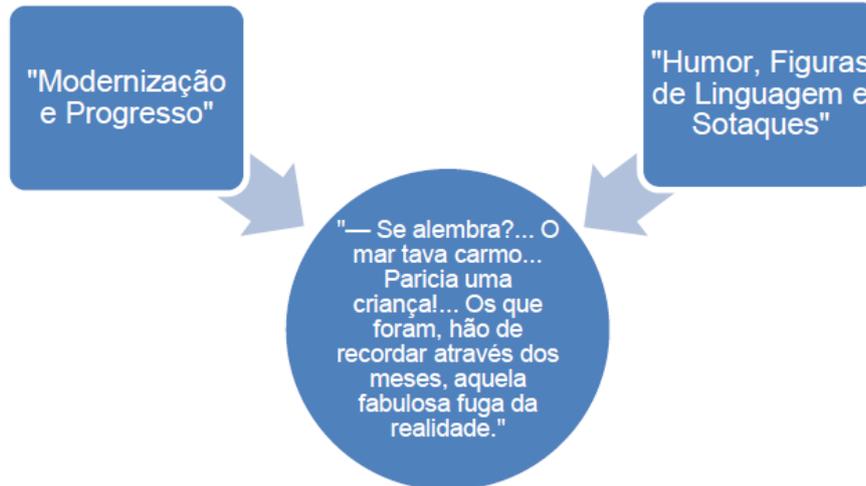
De este modo, emerge um conjunto de categorías que es constantemente modificado, redefinido, readaptado em función de los nuevos pasajes que van siendo objeto de categorización. (FLORES, 1994, p. 76)

---

<sup>7</sup> Como a intenção não consiste em fazer uma análise literária, mas de conteúdo, não prosseguimos para além das metacategorias, que já dão conta do objetivo proposto. No entanto, esta metodologia permite a ampliação para novos estudos, que podem envolver a adição de outras metacategorias e afinamento no tratamento dos dados, gerando diversas categorías e possíveis sub-categorías para posterior análise que envolva, por exemplo, padrões de pontuações, rimas, métricas, etc.

No total categorizamos os 96 parágrafos da crônica e ressaltamos que uma mesma entrada pode ser alocada em mais de uma categoria. No exemplo apontamos um parágrafo que descreve o piquenique como uma “fabulosa fuga da realidade”.

Figura 1 - Exemplo de categorização: mesma entrada em duas metacategorias



Fonte: MICHELETTI (2014)

Os resultados podem ser observados no seguinte quadro:

Tabela 1 - Registro de entradas da crônica "Piquenique Classe C"

	Oswaldo Moles - Piquenique Classe C	
	Parágrafos	%
<b>TOTAL</b>	96	100%
<b>Personagens</b>	53	55,20%
<b>Modernização e Progresso</b>	24	25%
<b>Humor, Figuras de Linguagem e Sotaques</b>	63	65,60%

Fonte: MICHELETTI (2014)

A metacategoria “Humor, Figuras de Linguagem e Sotaques” é a que contém mais entradas, seguida por “Personagens” e depois, com uma sensível diferença percentual, vem “Modernização e Progresso”. Essa configuração revela a preocupação do autor em promover uma forte crítica social através do cômico, que em sentido mais amplo compreende:

a ironia, o chiste, o humor a sátira, a paródia, enfim, as formas mais comuns que tendem a produzir o riso. Tanto a ironia como o humor são formas do cômico de palavras e se baseiam, portanto, numa transposição entre o real e o ideal. Para Quintiliano, a ironia (em latim *illusio* e, em grego, *eirôneia*, palavra que significa "ação de interrogar fingindo ignorância") compreende o sarcasmo, o asteísmo, a antífrase, o eufemismo e a paremia. O paradoxo e a perífrase pitoresca servem, do mesmo modo, ao cômico. (MACHADO, 1970, p. 102).

## Conclusões

Oswaldo Moles privilegia as pessoas da cidade, os personagens ganham força por serem inspirados na população local, atraem a simpatia do leitor através do gênero da crônica. Os tipos são o retrato social de uma época em que São Paulo não parava de crescer, representam a sociedade paulistana em formação, recebendo migrantes e imigrantes acolhidos pela cidade. Pessoas com sonhos simples, na busca por conquistar um futuro melhor, de conseguir um bom trabalho e viver dignamente.

Além do universo dos imigrantes italianos, Oswaldo Moles descreve, na crônica *Piquenique Classe C*, personagens caipiras, nordestinos, espanhóis, japoneses, etc. O livro homônimo a crônica só entra em circulação no ano de 1962, período em que a cidade de São Paulo já deixou de ser um universo dominado exclusivamente por italianos para incorporar novas nacionalidades e pessoas de outras regiões do país. Os filhos dos italianos também vão se “abrasileirando”. São Paulo se transforma e Oswaldo Moles, ao longo de sua obra, inclusive em outros meios como o rádio, acompanha esse desenvolvimento e registra o progresso da cidade.

## Bibliografia:

CENTRO CULTURAL SÃO PAULO. **O Rádio Paulista no Centenário de Roquette Pinto 1884-1984**. São Paulo: CCSP, 1984.

FLORES, J. G. **Análisis de datos cualitativos: Aplicaciones a la investigación educativa**. Barcelona: PPU, 1994.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. 3rd ed. São Paulo: Ática, 1990.

MACHADO, L. T. **Antônio de Alcântara Machado e o Modernismo**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1970.

MARQUES DE MELO, J. **Teoria do jornalismo : identidades brasileiras**. 1st ed. São Paulo: Paulus, 2006.

MICHELETTI, B. D. **“Piquenique Classe C” y “Brás, Bexiga e Barra Funda”: Oswaldo Moles como sucesor de Antônio de Alcântara Machado**. Madrid, 2014.

MOLES, O. **Piquenique Classe C: Crônicas e Flagrantes de São Paulo**. São Paulo: Boa Leitura, 1962.

SACCHETTA, H. Apresentação. **Piquenique Classe C: Crônicas e Flagrantes de São Paulo**, 1962. São Paulo: Boa Leitura.